

VAMPIRA:

Mallicar fora uma nobre uma vez. Ao menos era o que ela achava se lembrar: tinha, afinal, uma mansão linda e imponente. Vazia. Houvera um tempo em que ela tivera servos. Mas as coisas tendem a se tornar turvas e apáticas nas areias do tempo. Mallicar seguia dias sonolentos e noites inertes no limite das necessidades de sua fome, contemplando a noite e cômodos inhabitados. Já não colocava suas vastas e pomposas vestes de tafetá, nem se arrumava para as demasiadas demandas da aristocracia. Seus cabelos seguiam soltos, ela não trocava mais as roupas de pernoite e sua única grande decoração eram os traços que a imortalidade lhe dera quanto tomara sua humanidade. Os olhos brilhantes e predatórios, as presas de um marfim frio, as garras perpetuamente afiadas, as joias incrustadas à face. Ainda assim, isso lhe bastava. Mallicar assombrava sua mansão num eterno vazio, esperando os escombros dentro de si tomarem materialidade ao seu redor, até as paredes ruírem, o chão se erodir e o teto ceder sobre ela.

Seguia sem saber dia, ano, século ou milênio. Tornara-se opaca, camouflada na história: ninguém mais percebia que ela ainda habitava ali. Esquecida e esquecendo. Foi quando, num estrondo, percebeu que algo lhe infiltrava a residência, um direito dado apenas aos musgos e à chuva.

Mallicar não podia entrar sem convite, então foi-lhe um grande choque ter sua casa invadida. Precisou de alguns instantes até se lembrar, contrariada, de que humanos não são selados à soleira. Decidiu seguir exatamente como estava, no casulo de sua inércia. Isolada no labirinto de cômodos.

Sua invasora, porém, era uma aventureira.

Dália havia entrado no que parecia um dia ter sido uma mansão. Era um estado imponente, agigantado, mas quase desaparecia no tecido que era a escuridão. Achava aquela lembrança de residência guiada pela Lua, protetora dos

escusos, simpática aos fugitivos. Guia das esperanças. Interpretou como uma recomendação.

Ela tinha força de vontade demais para se curvar aos desejos dos outros. Para abrir mão de si por ordem de alguém. Preferia morrer por suas próprias ações a se abster da própria vida por decisões alheias. Se a Lua a levara ali, sabia que sobreviveria à noite.

A mansão era gelada como um corpo sem sangue, e como um túmulo, tudo o que lhe tocava as pedrarias elegantes do chão esculpido era a noite fria. Não era um lugar para viver. Mas tinha um teto, e ela precisava de apenas isso antes de continuar no dia seguinte. Repetiu para si num sussurro, sem pressa, que atravessaria a noite.

Entrou, enamorada pela arquitetura secular. Construções que não eram daquela era, referências de que nunca ouvira falar. Entretida e deslumbrada, decidiu que era cedo e lhe cabia, por obrigação, explorar cada recôndito daquele palacete que lhe dava abrigo. Disse a si mesma que era apenas pela busca de recursos. Precisava de fogo e cobertas. Não tinha roupas tão adequadas para o avançar das horas: seus trajes eram puídos, trocados às pressas com uma criada. Não eram exatamente do tamanho certo, mas eram mais adequados do que o cetim de crinolina armada que vestia antes.

Na valsa lânguida e sedutora pelo espaço, Dália sentia a terrível sensação de algo suspirando em seu pescoço.

Mallicar a seguia consternada, sem se perceber enevoada pelo perfume que a fazia parecer mais e mais apetitosa. Descuidou-se a ponto de se permitir ser descoberta.

Dália não reagiu com horror, mas com alívio. Reagiu com uma ternura cheia de cumplicidade, grata por encontrar outra mulher.

Mallicar tentou ameaçá-la só para ser ver confrontada. Nunca em toda sua morte algo poderia prepará-la para algo assim. Dália se doava por escolha, a encontrando, nos confins de Mallicar, onde havia parado seu coração. Ao sugá-la, o toque pulsante fazia algo dentro de Mallicar fluir, aquecer. Fazia-a sentir-se viva. Sentiu as gotas de flores quentes verterem da menina, emanando vida.

Dália enraizou-se em Mallicar, fez morada em sua alma. Invadiu-a e tomou-a ao se entregar.

E Mallicar, acolhida, escolheu entregar-se de volta.

Guiou a moça para sua alcova, dividindo abrigo. Deitou-se na cama com ela e descansou, relaxada, na segurança daquele carinho onde Dália também fazia ninho. Um lar que não as domaria, não as caçaria, não as drenaria. Um lar fértil para que pudessem florescer.